

A presença hoje do Presidente Fidel Castro em solo venezuelano, no dia de seu aniversário, me dá a oportunidade de felicitá-lo pessoalmente. Faço-o com muita satisfação e, ao mesmo tempo, dirigindo-lhe as expressões de amizade e afeto do povo brasileiro ao povo irmão de Cuba.

Cuba, Venezuela e Brasil são países integrantes da Comunidade Ibero-Americana. Somos América Latina. Somos, também, o Caribe, porque o Brasil – hoje tão próximo de seus vizinhos desta parte de nosso continente – sente-se, da mesma forma, um pouco caribenho.

Quero dizer, nesta ocasião, que talvez possa me orgulhar de ser o Presidente brasileiro que mais vezes visitou a Venezuela.

E não foi só em Caracas, mas também em Ciudad Guayana, na Isla Margarita, no Rio Orinoco e, agora de novo, nesta acolhedora cidade de fronteira: Santa Helena de Uairen.

Aqui, a proximidade física é símbolo da proximidade política e cultural entre nossos dois povos.

É com esse espírito que estamos aqui, hoje, para inaugurar uma obra que tem tudo para se tornar um novo marco da amizade entre brasileiros e venezuelanos.

A partir de agora, o Brasil poderá comprar energia elétrica da Venezuela. Os brasileiros que vivem em Roraima poderão acender a luz de suas casas, acionar a corrente que dá energia às suas empresas usando a eletricidade produzida no país vizinho, amigo e irmão. Isso tem um nome: cooperação. E é cooperação que se faz porque existe confiança recíproca, porque existem interesses mútuos, porque existe vontade de realizar objetivos comuns e fortalecer a amizade entre Brasil e Venezuela. Uma amizade que hoje é um exemplo.

Na Europa, a integração começou com o carvão e o aço, por razões que se explicavam pela própria história daquele continente, marcado por guerras horríveis.

Na América do Sul, não tivemos guerras como as européias. Tivemos e temos, isto sim, uma aspiração profunda de crescimento e de desenvolvimento econômico e social.

Crescimento não se faz sem energia. E não é por acaso que grandes obras da infra-estrutura de integração sul-americana estão ligadas ao fornecimento de energia, como Itaipu, o Gasoduto Bolívia–Brasil e, agora, esta obra impressionante e excepcional que é a linha de transmissão Venezuela–Brasil.

E desde o início de nossa existência como nações independentes, os que refletiram sobre os destinos desta região – e o libertador Simón Bolívar esteve entre os mais destacados –, todos os que se preocuparam seriamente com o futuro de nossos povos apontaram um só caminho: o da integração fraterna entre nações irmanadas em sua história, em sua cultura e, sobretudo, em seus ideais democráticos de liberdade e justiça.

Outro venezuelano célebre, Simón Rodríguez – aliás, professor de Bolívar –, assinalou aos latino-americanos o desafio de construir seus próprios modelos, usar sua própria inteligência, inventar suas próprias soluções, sem copiar esquemas já utilizados em outros quadrantes. Para ele, o imperativo era: “Ou inventamos ou erramos!”

E na América do Sul de hoje, inventar o futuro significa, antes de mais nada, integrar para o futuro. Nossa divisa pode ser: “Ou integramos ou erramos!”

E aqui não há erro: hoje, a inauguração desta obra demonstra o acerto de uma intensa aproximação que se vem concretizando nos últimos anos.

Brasil e Venezuela já erraram no passado, quando se mantiveram de costas um para o outro, como se a fronteira entre os dois países fosse feita para separar, para proteger. Hoje ela é, nitidamente, uma fronteira que mais une do que separa. É esta união que torna possível transformar interesses compartilhados em projetos comuns, projetos reais e concretos; é o que nos permite ter a perspectiva de uma parceria que se constrói, efetivamente, para o longo prazo, não para este ou aquele governo, mas como uma política do Estado brasileiro e do Estado venezuelano.

Temos confiança no futuro de nossa parceria. Essa confiança vem, sobretudo, da certeza de que ambos os países ganham, e ganham muito, com a interconexão.

Nossa vizinhança faz com que o interesse de um seja, também, o interesse do outro. Para o Brasil, é bom que a Venezuela prospere e tenha êxito em seu esforço de desenvolvimento. E para a Venezuela, é de todo interesse que o Brasil – e muito especialmente a Região Norte do Brasil, mas não apenas essa região – cresça e se desenvolva.

Daí a importância da liderança política, que deve saber apontar o rumo.

Por isso, quero deixar aqui meu reconhecimento pela liderança do Presidente Hugo Chávez que é, mais do que um amigo pessoal meu, um amigo do Brasil – e sei que o Governador Neudo Campos dirá que é também um amigo de Roraima, e isso é igualmente certo.

Quando visitou o Brasil, em abril, o Presidente Chávez anunciou a intenção da Venezuela de associar-se ao Mercosul. Foi uma decisão que passou a representar um dos principais fatores de impulso da integração sul-americana, na medida em que fortalece a ligação entre o Mercosul e a Comunidade Andina.

Há muitos outros projetos comuns. O Ministro Raul Jungmann acaba de realizar uma visita a Caracas e, como resultado prático, estamos agora dando passos importantes para levarmos adiante um intercâmbio de experiências e cooperação técnica com o Governo venezuelano na área da reforma agrária.

Outro exemplo é a construção da segunda ponte sobre o rio Orinoco.

É com grande satisfação que posso confirmar que o Governo brasileiro está formalizando, através de seu agente financeiro, o Banco do Brasil, a aprovação do financiamento desse projeto a que tivemos a honra de dar início no ano passado.

Estou convencido, Presidente Chávez, de que a construção desta obra estratégica será, antes de mais nada, uma prova do compromisso de países irmãos, que, através de ações efetivas, resolveram dar um impulso à sua integração física e econômica e ao desenvolvimento social de seus povos.

Brasil e Venezuela trabalham juntos em vários outros campos: na ampliação do Metrô de Caracas, no projeto do canal El Diluvio, no tratamento das questões de interesse para as populações fronteiriças.

Em suma, Brasil e Venezuela têm muitas razões para se sentirem confiantes no futuro de sua integração.

A linha de transmissão é, até visualmente, um símbolo de união. É um símbolo, também, de nossas preocupações com o meio ambiente e com os direitos das comunidades que vivem na área em que foi construído o linhão. Será, para Roraima, não apenas um suprimento seguro de energia, mas – o que é muito importante – de energia limpa, que permitirá a substituição da geração termelétrica à base de derivados do petróleo.

São 676 quilômetros de fios de alta tensão. São 676 quilômetros de integração sul-americana. São 676 quilômetros de amizade brasileiro-venezuelana.

Muito obrigado.